

11. A representação quilombola em literatura infantojuvenil na Bahia: Bucala e histórias da *Cazumbinha* para inspirar

Ana Fátima Cruz dos Santos¹

Maria Anória Oliveira de Jesus²

O artigo pretende abordar uma leitura crítica cultural em duas obras literárias do gênero infantojuvenil com autores que ambientam essas narrativas para crianças a partir de um território quilombola e sob a perspectiva da criança em interação com as referências culturais as quais estão inseridas. Aplicaremos uma metodologia documental para investigar as contribuições desta literatura para uma Educação Escolar Quilombola proporcional aos objetivos levantados na BNCC e reivindicações das lideranças quilombolas no Brasil. Teremos enquanto

1 Doutoranda no Programa de Crítica Cultural/ Linguagens UNEB/Campus II. Professora Educação Básica, Camaçari (BA). Escritora literária e integrante dos grupos de pesquisa: NYEMBA (UNILAB/Campus Malê) e Iraci Gama (Pós-Crítica/UNEB/Campus II). *E-mail:* anafatimadossantos@yahoo.com.br

2 Programa de Crítica Cultural/ Linguagens UNEB/Campus II. É coordenadora/proponente da Área Literatura, Linguagem e Artes, da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN). É Líder do grupo de Pesquisa: Iraci Gama – Letramentos, Identidades e Formação de Professores/as (Pós-Crítica/UNEB). UNEB/Campus II. *E-mail:* mariaanoria@gmail.com.

aportes teóricos Grada Kilomba (2019), Nazare Lima (2015), Maria Anória Oliveira (2003), Djamilá Ribeiro (2019) e Vanda Machado (s/d). Almejamos com essa pesquisa acionar representantes educacionais e toda população civil à responsabilidade com os discursos ecoados na educação escolar e social das crianças a partir do suporte livro e as narrativas criadas a partir dele.

Ao lermos uma narrativa, podemos identificar além do Letramento escolar linguístico, através da decodificação dos signos (SAUSSURE, 1916), mas também observamos os pertencimentos territoriais, suas referências culturais, étnicas, religiosas, linguísticas e outros marcos identitários de um grupo ou comunidade. O mesmo enfrentamos ao encontrar literaturas que expõem vivências dos/das respectivos/as autores/autoras quilombolas os quais têm a literatura enquanto aparato epistemológico de resistência cultural, das tradições e histórias de suas localidades, reafirmação da memória coletiva negra no Brasil e fortalecimento dos protagonismos das crianças e adolescentes, leitoras e escutoras dessas narrativas.

Deste modo, Chimamanda na epígrafe destacada por nós para (orí)³entar nosso pensamento neste artigo, a cotidiana labuta em vivermos no limiar do “perigo da história única, cuja população negra e suas diversas formas de organização cultural, política e econômica é invisibilizada ou reduzida a características limitantes de sociedade e aprendizado diante do discurso de quem detém alguma esfera de poder” (SANTOS, Ana Fátima, 2021, p.159).

O último informe, realizado em 2017, sobre as certificações de comunidades territoriais quilombolas efetivadas no Brasil, apresentou 736 comunidades situadas no estado da Bahia devidamente certificadas pela Fundação Cultural Palmares — órgão até o ano de 2019 responsável por esse senso⁴. Deste modo, a Bahia encontra-se no topo do ranking dos estados brasileiros com localidades reconhecidas como de descendentes de quilombolas ou rema-

3 Em língua Yorùbá, Orí significa “cabeça”. Logo, nossa cabeça deve nos guiar.

4 Após a gestão de 2019, as certificações foram paralisadas, processos sem andamento e muitos ataques racistas do presidente à toda população autodeclarada negra no país enfraquecem as políticas de certificação dos territórios.

nescentes de quilombos. Porém, quando tratamos de educação escolar, produções literárias, materiais didáticos para essas comunidades quilombolas baianas, o desempenho não se encontra no mesmo parâmetro. Resulta em um volume inferior a região como sudeste:

Estado	Livro/Materiais	Tiragem	Data de Edição
RJ	Quilombos: espaço de resistência de homens e mulheres negras (livro do professor)	10.000	2005
RJ	Quilombos: espaço de resistência de homens e mulheres negras (livro do aluno)	15.000	2005
GO	Uma história do povo Kalunga (2ª edição)	5.000	2006
SP/RJ	Kit A cor da cultura (4 livros, 4 CDs, 1 jogo)	2.000	2006
GO	Estórias Quilombolas	7.500	2008
MG	Minas de Quilombos	-	2008
BA	Resistência e Coragem, a história de Zumbi dos Palmares	---	2009

Fonte: pesquisa da autora em dissertação de mestrado (2015)

Desde a institucionalização da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR⁵) — órgão do Poder Executivo do Brasil, instituída pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 21 de março de 2003, com o objetivo de promover a igualdade e a proteção de grupos raciais e étnicos afetados por discriminação e demais formas de intolerância, com ênfase na população negra. Ações, estas, legislativas voltadas para práticas curriculares educacionais foram implementadas a fim de minimizar os efeitos do racismo e discriminação racial no Estado brasileiro.

Identificou-se que os grupos sociais com grande ênfase de aparatos legais para o fomento de materiais didáticos, literários e culturais foram os quilombos que durante as gestões das ministras Matilde Ribeiro (2003-2008),

⁵ Secretaria extinta em 2019.

Luiza Helena de Bairros (2011-2015) e Nilma Lino Gomes (2015) encontraram condições políticas e econômicas para um volume expressivo nas produções de cartilhas, livros, resoluções e outros documentos. Os mesmos legitimam e apresentam as expressões dos mesmos por especialistas, escritores e/ou educadores quilombolas.

Demarcamos, firmemente, esta passagem da história política de nosso país neste trabalho porque pretendemos apresentar um levantamento das referências literárias infantojuvenis com personagens quilombolas brasileiras publicadas entre os anos 2001 até 2019, especificando aspectos identitários em produções literárias que situem quilombos da Bahia. Obras publicadas fruto dos desdobramentos da perspectiva curricular apontadas no Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africanas (Lei 10.639/2003).

Temos enquanto principal problematização a ser investigada: quais símbolos identitários são manifestados nestas narrativas? São tais representações por meio da linguagem literária que temos por hipótese a visibilidade da cultura do território quilombola, suas expressões discursivas, os conhecimentos econômicos e educacionais compartilhados na comunidade sob a forma de história literária como uma das ferramentas utilizadas na efetivação da Educação Escolar Quilombola que respeite as tradições e construções sociais do grupo em vivência.

Referenciando um dos documentos legais após promulgação da Lei 10.639/2003 (instituindo o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira na Educação Básica) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresenta em uma de suas pautas o item Repertório Cultural, o qual na seção competência 3 tem como objetivo “valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural” (BRASIL, 2018, p.9). Tal enunciado possui relação direta com “a necessidade de desenvolver no aluno a apreciação

e a sensibilidade para toda e qualquer manifestação de arte e cultura”. (Eliane Alves de Oliveira ODERE, 2020, 458). Consequentemente, todas as possibilidades de construção identitária existente em nossos estados e regiões geográficas devem ser valorizadas e apresentadas aos estudantes a fim de que percebam, através dos recursos didáticos, a diversidade cultural, étnico-racial e linguística as quais estamos imersos.

De acordo com Eliane de Oliveira (2020, p. 466), o documento da BNCC exalta a necessidade dos educadores e educadoras considerarem

imensurável o ganho na formação de crianças, adolescentes e jovens quando a escola se propõe a trazer para a sala de aula temáticas que vão muito além do livro didático. É aprendizagem para a vida na construção do caráter e conhecimento para todos os envolvidos, inclusive para o próprio professor [...]

Os saberes ancestrais e tradicionais estão contemplados nos documentos oficiais para promover uma educação respeitosa, diversa e contemplativa das diversidades existentes no Brasil em mais de cinco séculos de história. Contudo, as práticas pedagógicas dos profissionais da Educação Básica têm nos apresentado respostas não otimistas devido à falta de investimento na publicação de novos livros didáticos com esse espelho de letramentos sociais e raciais críticos (FERREIRA, 2019) que alimentam outros olhares não hegemônicos, discriminatórios e exclusivistas de sociedade e cultura nacional.

Do mesmo modo, a confirmação da falta de acesso dos jovens a obras literárias (impressas) que protagonizem suas vivências territoriais, históricas, ancestrais. Sem espelhamento na literatura, como acreditar na potência de si? Logo, vejamos a importância de se discutir e efetivar a Educação Escolar Quilombola pelas mãos da própria comunidade de Quilombo.

Educação escolar quilombola

A Resolução número 08, datada de 2012, promulgada pelo Governo Federal Brasileiro para trabalhar os materiais didáticos e paradidáticos enquanto Educação Escolar Quilombola (SANTOS, 2015) é uma das conquistas das lideranças quilombolas que vislumbraram o respeito às manifestações culturais de cada território por meio de práticas de letramentos peculiares de cada grupo. Afinal,

[...] a imposição cultural de origem eurocêntrica passa pela abordagem curricular da escola básica e faz com que grupos e povos, dentre estes os/as negros/as, fiquem invisibilizados e inferiorizados, porque submetidos a padrões hegemônicos, geralmente considerados como os únicos a serem valorizados. (LIMA, 2015, p.24)

A afirmativa que coaduna com a realidade em diversas escolas quilombolas, públicas ou comunitárias, que esbarram na tendência a seguir um currículo único, isolado das vivências e histórias das comunidades em que são implementados, projetando uma “educação letrada” distante dos letramentos de reexistência⁶ dos estudantes do lugar.

O reflexo desse “desarranjo cultural” se destaca nos textos, imagens, relações interpessoais, processos identitários e conseqüentemente são reproduzidos enquanto saberes essenciais em processos e práticas pedagógicas de educadores/as não atentos às referências locais de cada território. Por isso, a relevância de cumprir os atributos legais elencados na Resolução nº. 08 (2012) que frisa, dentre os pontos, a necessidade de ter educadores nascidos ou residentes no próprio quilombo em que atua profissionalmente. Tal consideração parte do princípio que este profissional reconhece a cultura e identidade local, tão logo as práticas pedagógicas a serem inscritas no currículo escolar para formação intelectual dos estudantes da região. Uma educação escolar respeitando os modos de produção de conhecimento local.

⁶ Conceito levantado pela linguista profa. Dra. Ana Lúcia Silva Souza (2011) que salienta as práticas de letramentos das comunidades negras reverberando as linguagens e modos de uso da língua considerando a trajetória histórica, a cultura e referências coletivas.

Segundo Vanda Machado (Fundação Cultural Palmares, s/n), o “quilombo é mais que um território. É um lugar da ancestralidade viva. [...] O território quilombola é a base da resistência e das trocas materiais e espirituais”, logo atentamos que a resistência mencionada pela autora não diz respeito apenas à liberdade física conquistada pelos africanos e afro-brasileiros pós-escravidão, do corpo negro livre das correntes e torturas; condiz com a manutenção e exercício de sua medicina popular, a prática de costumes e religiosidade com referências afro, além de uma prática educativa cotidiana de caráter coletivo a qual definimos enquanto Educação Quilombola, a qual reverbera no espaço escolar dando continuidade ao aprendizado dos saberes ancestrais.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica (2012) se configuram nas diversas modalidades: educação infantil, ensino fundamental, ensino médio, educação do campo, educação especial, educação profissional técnica de nível médio, educação de jovens e adultos, incluindo educação a distância. Estas modalidades visam a orientar os sistemas de ensino para que eles possam colocar em prática a Educação Escolar Quilombola mantendo, assim, uma conversa com a realidade sociocultural e política das comunidades e do movimento quilombolas. Propõe discutir territórios quilombolas (conceitos e sentidos), o significado de conhecimento e princípios para uma proposta político-pedagógica de uma escola comprometida com a questão étnico-racial. O território e a oralidade são referências levantadas pedagogicamente na Educação Quilombola e deve se fazer representada nas suas escolas, para isto, faremos um recorte na área de nosso interesse: a literatura infantojuvenil enquanto um corpus para análise desse modelo de currículo e práticas pedagógicas peculiares para cada comunidade.

Literatura com personagens/ambientação quilombolas

A análise filosófica sobre o pertencimento da persona em determinado grupo, remete-nos ao conceito de identidade que conforme Stuart Hall, é um complexo de “divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes ‘posições de sujeito’”(2011, p.17-18), fruto do pensamento das sociedades pós-modernas introjetadas em um mundo globalizado o qual

conduz as culturas num caldeirão de possibilidade. Logo, não temos apenas uma identidade em voga, e sim, identidades. Somos plurais. Contudo, as expressões culturais fundantes de um grupo social o relaciona a determinado pertencimento identitário, o qual consequentemente fomentará em outros grupos o desmembrar das raízes com outros formatos culturais e assim sucessivamente.

A literatura enquanto uma das expressões da Linguagem humana (assim como a Língua) está nesta posição filosófica de Reexistência por diferentes práticas de letramento (KILOMBA, 2019; SOUZA, 2011). As histórias construindo e influenciando na formação identitária de seus leitores sob afirmações e/ou negações vocabulares, semânticas da história das populações africanas e afro-brasileiras na diáspora até a formação de modos de resistência e reexistência, a exemplo, os quilombos. Considerando a união dessa formação identitária proporcionada pelos adultos no meio familiar com a formação escolar, um olhar mais atencioso sobre os materiais pedagógicos literários apresentou resultados positivos sobre a crescente produção de livros de histórias que são narradas pelos próprios quilombolas enquanto registro de sua memória e cultura. Apresentamos uma lista de produções literárias infantojuvenis cujos personagens aparecem ilustrados de forma respeitosa, sem estereótipos ou discriminações e os textos verbais representam aspectos vivenciados por tais comunidades:

Tabela 1 – Livros didáticos

Nº	Livro/Materiais	Autoria	Edição
01	Quilombos: espaço de resistência de homens e mulheres negras (livro do professor e aluno)	Ministério da Educação	2006
02	Uma história do povo Kalunga (2ª edição)	Ministério da Educação	2006
03	Yoté, o jogo da nossa história (livro do professor, livro do aluno, tabuleiro)	Ministério da Educação	2008
04	Estórias Quilombolas	Ministério da Educação	2008
05	Minas de Quilombos	Schuma Schumaker, Paulo Corrêa Barbosa	No prelo
06	Kit A cor da cultura (4 livros, 4 CDs, 1 jogo)	Ministério da Educação	2006
07	História da Cazumbinha	Meire Cazumbá, Marie Ange Bordas	2010
08	Bucala: a pequena princesa do quilombo do Cabula	Davi Nunes	2019
09	(Coleção Griôs da Tapera) Tapera Encantada; Como proteger as crianças e fazê-las crescerem fortes; As pedras da Tapera; Dona Sebastiana e como tudo começou	Sinara Rúbia	2019

Fonte: tabela criada pela pesquisadora (2014-2020)

A tabela acima apresenta algumas obras publicadas referentes à literatura infantojuvenil pautando histórias e vivências quilombolas por diferentes perspectivas e em diferentes territórios brasileiros. A apresentação das personagens — principalmente nas publicações realizadas pelo Ministério da Educação — está relacionada a histórias narradas nas respectivas comunidades mencionadas: *Tapera*, *Kalunga*, *Cabula*, *Cazumbinha*. Tal menção, feita pelos próprios quilombolas, que com a colaboração de técnicos da Secretaria de Reparação, Ministério da Educação e coordenadores pedagógicos, torna a obra literária genuinamente peculiar por descrever em linguagem, imagens e estilo narrativo as identidades do grupo social.

A narrativa em História em Quadrinhos do Antonio Cedraz sobre a História de Zumbi dos Palmares não entrará na investigação, apesar de ser uma produção do Estado da Bahia, por apresentar discursivamente uma estereotipação do conceito de Quilombo enquanto terra de negros fugidos. Conceito revisitado por teóricos e ressignificado enquanto território ou comunidade de encontro, reunião de pessoas negras para manutenção de saberes africanos e diaspóricos agenciando modos de vida com aspectos peculiares das diversidades étnica, linguística e filosófica africanas no Brasil (SILVA, 1997).

Das obras citadas, duas foram escritas referenciando comunidades quilombolas do estado da Bahia. São elas: *Bucala: a pequena princesa do Quilombo do Cabula* e *Histórias da Caçumbinha*. Iremos nos especificar em descrever estas obras e pontuar os elementos de identidade a ser trabalhados durante a prática pedagógica segundo a Educação Escolar Quilombola.

Figura 1 – Capa do Livro Bucala (2ª edição, Editora Malê, 2019)



Fonte: Site do Amazon.com.br

Bucala: a pequena princesa do quilombo do Cabula obra escrita por Davi Nunes, ilustrada por Daniel Santana, publicada pela Editora Malê (2ª edição, 2019) expõe de forma animada e aventureira o olhar da menina quilombola que apresenta o Quilombo *Cabula* para o/a leitor/a, referenciando a oralidade

dos mais velhos enquanto elemento basilar para conhecer a história do lugar; a resistência a ameaça escravocrata dos capitães do mato e os senhores brancos; o estar em afeto aninhada com sua mãe e seu pai salientando uma composição de família e contrariando a imagem estereotipada que traz, na maioria das histórias com protagonismo infantil negro, o isolamento ou ausência de uma família ou relações de parentesco associadas à identidade positiva da criança negra.

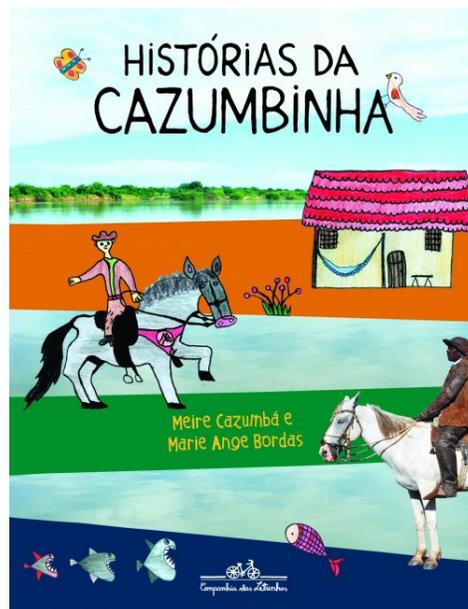
Para deslocar esses entraves comportamentais da imagem da população negra nas obras literárias, vistas também enquanto representações de uma sociedade ou nicho social, aplicam-se as “Fraturas Literárias” (OLIVEIRA, 2003) como uma fenda positiva nas tramas trazendo a persona negra de forma motivadora, engajada, consciente de sua ancestralidade africana e da relevância que é comunicar sobre os símbolos para nossa descendência. As Fraturas Literárias refletem, principalmente, o protagonismo da persona negra dentro e fora da narrativa, personagem-leitor(a)-mediador(a) da leitura.

Tanto texto, quanto ilustrações, reportam-se para uma trama de pertencimento a um território de origem ancestral africana e carregado de simbologias culturais e étnicas de uma identidade afro-diaspórica vivenciada no território quilombola existente em plena capital baiana (Salvador), a qual está cada dia mais ambientada em referências europeias, ocidentais, apesar da resistência e Reexistência de grupos sociais que habitam a região e circunscrevem histórias do quilombo em atividades coletivas de arte poética, grafites, feiras populares e bibliotecas comunitárias.

As menções linguísticas de origem africana reforçam a necessidade de aquilombar a língua desde a infância trazendo para si a apropriação dos saberes linguísticos e filosóficos da ancestralidade negro-africana que nos fala em muitos aspectos culturais brasileiros e universais. Lembrando: estamos utilizando o suporte livro para apontar estratégias em Letramentos sociais e escolar para o fortalecimento do protagonismo narrativo das crianças negras.

Vejamos os termos utilizados: *Mocambos* (p.08), axé (p.11), *miçangas* (p.28) e o próprio nome do quilombo, *Cabula* (título). O caminho narrativo trabalhado pelo autor também é outra estratégia pedagógica por nos envolver da parte exterior da trama — conhecendo primeiro a personagem principal, Bucala, e sua família — e aos poucos nos fazendo adentrar pelas matas, mocambos e rios, caracterizando esse movimento de interiorização, aquilombamento através da textualidade, por meio da construção discursiva. Além de realizar anagramas com o nome *Cabula* nos nomes das personagens Bucala, Lacabu (a mãe) e Calabu (o pai), enfatizando ritmicamente o instrumento *Cabula* (uma das origens etimológicas).

Figura 2 – Histórias da Cazumbinha



Fonte: <http://www.tecendosaberes.com/historias-da-cazumbinha/#ad-image-0>

Histórias da Cazumbinha, obra escrita por Meire Cazumbá e Marie Ange Bordas (que também ilustrou) pela Editora Companhia das Letrinhas (2010) — narra a vivência de uma menina chamada Cazumbinha. Ela nas-

ceu no interior da Bahia, numa comunidade quilombola situada às margens do rio São Francisco. Lá a menina cresceu e aprendeu sobre as nuances da vida e se interessou pelo mundo. No quilombo também ensinaram Cazumbinha a ler e a escrever — onde ela decidiu que queria revelar ao mundo o seu universo, lugar de fala enquanto criança quilombola protagonista de sua história.

Durante a história são apresentadas as comidas e as roupas, as plantas e os bichos, as pessoas e os lugares, as canções e as festas, as brincadeiras e os medos que a personagem encontra no seu quilombo. Cada trecho da narrativa é contado usando marcas da oralidade, como se estivessem sendo contadas em voz alta; as histórias transmitem com sensibilidade o ritmo dos acontecimentos e da vida no local.

A ideia para criação do livro originou-se de um projeto idealizado por Marie Ange Bordas que envolveu as crianças do Quilombo Rio das Rãs, na Bahia. As autoras participaram de oficinas em que ouviram as histórias da Cazumbinha e criaram desenhos para elas. Utilizando-se da técnica de superposição de imagens, realizaram superpostos a fotos do local e seus moradores, os desenhos (criados pelas crianças do quilombo) que ilustram esse volume, o qual denomina-se livro foto-ilustrado. Há ainda um texto explicativo sobre os quilombos e as comunidades quilombolas.

As duas obras em questão inserem a criança, negra, gênero feminino, quilombola enquanto protagonista da narrativa e conhecedora dos elementos que constituem o espaço onde vivem e constroem afetos, símbolos, artes e representações. O pertencimento e identificação das demais crianças com as personagens ocorrerá através da enunciação principalmente pelo uso de termos linguísticos existentes em comunidades de fala com descendência negro-africana, também como a trajetória histórica descrita e nas ilustrações — que em *História da Cazumbinha* os desenhos foram criados pelas crianças do Quilombo Rio das Rãs.

Considerações, por hora, finais

O construto das vivências territoriais sugere o espelhamento das mesmas nos currículos escolares, assim como refletir as identidades culturais e linguísticas de seus falantes, afinal, estes fazem parte do ciclo de ensino-aprendizagem dos falantes de língua portuguesa no Brasil e toda sua representação de Educação Básica formal. Em destaque, as comunidades quilombolas do estado da Bahia ainda apresentam, na literatura infantojuvenil, baixa menção positiva das histórias sobre territórios quilombolas, das mais de 700 (setecentas) comunidades quilombolas reconhecidas.

A provocação desse artigo é reforçar o trabalho fundante e ímpar dos produtores literários (são eles e elas: escritoras/es, editoras, ilustradores/as, curadores literários), justificando a necessidade de fomentar mais obras — ficcionais, memoriais, autobiográficas — descrevendo e compartilhando o modo de vida e saberes quilombolas peculiares para cada território associando essas práticas cotidianas quilombolas com práticas pedagógicas fincadas nas referências ancestrais africanas e afro-brasileiras, musicalidade, circularidade e marcos da oralidade.

Referências bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Tradução Julia Romeu. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BRASÍLIA. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília: 2004.

BRASÍLIA. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola: algumas informações* [Cartilha do Governo Federal, online] 2011.

BRASÍLIA. *Uma História do povo Kalunga*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental/MEC; SEF, 2001.

CAZUMBÁ, Meire; BORDAS, Marie Ange. *Histórias da Cazumbinha*. Companhia das Letras. Selo: Companhia das Letrinhas, 2010. Disponível em: < <https://www.companhiadasletras.com>.

br/detalhe.php?codigo=40597>. Acesso em 29/09/2020.

CEDRAZ, Antonio Luiz Ramos. *Resistência e Coragem, a História de Zumbi dos Palmares*. Salvador: Editora e Estúdio Cedraz, 2009.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomas Tadeu d Silva. Guaracira Lopes Louro. 11 ed. 1 reimp. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

INCRÁ – *Regularização quilombola*. Disponível em: < <http://www.incra.gov.br/index.php/estrutura-fundiaria/quilombolas>>. Acesso em 16/08/2021.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Lisboa: Orfeu Negro, 2019.

LIMA, Maria Nazaré Mota de. *Relações étnico-raciais na escola: o papel das linguagens*. Salvador: EDUNEB, 2015.

MACHADO, Vanda. *Projeto Iré Ayó*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, s/n.

NUNES, Davi. *Bucala: a pequena princesa do Quilombo Cabula*. Ilustrações Daniel Santana. 2º Edição. São Paulo: Editora Malê, 2019.

OLIVEIRA, Eliane Alves de. In: *ODEERE: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade*. ISSN: 2525-4715 – Ano 2020, Volume 5, número 9, Janeiro – Junho de 2020.

REDEH. *Minas de Quilombos. Minas Gerais*: SECAD, 2008.

REDEH. *Quilombos: Espaço de Resistência de crianças, jovens, mulheres e homens negros*. Rio de Janeiro: SECAD, 2005.

RESOLUÇÃO Nº8, DE 20 DE NOVEMBRO DE 2012. *Resolução CNE/CEB 8/2012*. Disponível em: <www.seppir.gov.br/arquivos-pdf/diretrizes-curriculares>. Acesso em 14 fev. 2014.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro. (Feminismos Plurais/Coordenação de Djamila Ribeiro) Pólen, 2019.

RÚBIA, Sinara. *Dona Sebastiana e como tudo começou*. Ilustrações de Renato Cafuzo. São Paulo: LSS, 2019. (Coleção Griôs da Tapera).

RÚBIA, Sinara. *As pedras da Tapera*. Ilustrações de Renato Cafuzo. São Paulo: LSS, 2019. (Coleção Griôs da Tapera).

RÚBIA, Sinara. *Como proteger as crianças e fazê-las crescerem fortes*. Ilustrações de Renato Cafuzo. São Paulo: LSS, 2019. (Coleção Griôs da Tapera).

RÚBIA, Sinara. *Tapera encantada*. Ilustrações de Renato Cafuzo. São Paulo: LSS, 2019. (Coleção Griôs da Tapera).

SANTOS, Ana Fátima Cruz dos. *Análise de Livros Didáticos e Paradidáticos em Educação Escolar Quilombola em Santiago do Iguape*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural. Alagoinhas/ Universidade do Estado da Bahia, 2015. Disponível em: <https://portal.uneb.br/poscritica/wp-content/uploads/sites/113/2018/07/ANA-F%c3%81TIMA_CARTAZ_DIVULGA%c3%87%83O_DEFESA_P%c3%9aBLICA_DE DISSERTA%c3%87%83O.pdf>. Acesso em: 07/09/2021

SANTOS, Ana Fátima Cruz dos. Literatura infanto-juvenil com personagens quilombolas: identidades inscrevendo educação escolar. In: *Negras escrituradas, interseccionalidades e engendrosidades: artes, memória e espaços /*. – XI COPENE – Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as, 9 a 12 de novembro de 2020. – Organização : Paulo Vinicius Baptista da Silva, Nathalia Savione Machado, Neli Gomes da Rocha ... [et al.]. – Curitiba : Universidade Federal do Paraná, 2020. 806 p. : il., Livro / pdf].ISBN: 978-65-86233-77-3

SECADI, MEC. *Estórias Quilombolas*. (Organizadora) Gloria Moura. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação, Secretaria de educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008. 100 p.

SECADI, MEC. *YOTÉ: o jogo da nossa história: o livro do aluno*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.

SECADI. *A cor da Cultura*. (4 livros, 4 CDs, 1 jogo). Brasília: SECADI/MEC. 2006

SILVA, Valdélino Santos. *Do Mucambo do Pau Preto à Rio das Rãs: liberdade e escravidão na construção da Identidade Negra de um Quilombo Contemporâneo*. Salvador: Universidade Federal da Bahia. Dissertação de Mestrado, dez. de 1997, 146 páginas

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de Reexistência: poesia, grafite, música, dança: Hip-Hop*. São Paulo: parábola Editorial, 2011.